

A orientação para o *outro*: relações imagéticas e discursivas em cartas de leitor pernambucanas do século XIX / *The course to the other: imagetical and speech relations in readers' letters of pernambuco of the XIX century*

*Thiago Trindade Matias**

RESUMO

O texto é parte dos resultados obtidos em nossa pesquisa de mestrado, na qual investigamos as relações dialógicas – relações imagéticas e discursivas – presentes na materialidade linguística de cartas de leitor em jornais pernambucanos da primeira metade do século XIX. Os conceitos bakhtinianos de *imagem externa*, *vivenciamento das fronteiras externas do homem* e *relações dialógicas* fundamentam este estudo, cujo objetivo é analisar as estratégias discursivas entre o eu e o outro, elemento constitutivo do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Gênero do discurso; Endereçamento discursivo

ABSTRACT

The text is part of the results obtained in our masters' research, in which the dialogical relation – imagetical and speech relations – present in the linguistic material of readers' letters of Pernambuco of the first half of the XIX century was investigated. The bakhtinian concepts of external image, the experiencing of man's external boundaries and the dialogical relations support this study in order to analyze the speech strategies between the I and the other, constitutive element of the speech.

KEY-WORDS: Dialogism, Speech genres, Speech addressment

*Doutorando pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil;
thiagotrindadeufpb@gmail.com

1 *Eu e outro: uma contemplação de imagens, uma mistura de discursos*

Em O autor e a personagem na atividade estética, mais especificamente no capítulo 1, Mikhail Bakhtin (2003) aborda o princípio criador da relação autor-personagem, a partir da qual a personagem é particularizada, na medida em que seus traços, pensamentos, sentimentos, acontecimentos e atos a ela relacionados são acentuados pelo autor. Essa particularização, por sua vez, também pode ser observada na vida, pois nela nos manifestamos, lidamos com outras pessoas, contemplamos nossos atos e acontecimentos “a cada manifestação daqueles que nos rodeiam” (2003, p. 3).

A contemplação mútua das visões entre os homens torna as relações sociais um processo de intercâmbio, de troca e interlocuções entre instâncias diversas. No ato de criação, o autor detém um excedente de visão sobre sua personagem, contemplando-a a partir de posicionamentos axiológicos muito diferentes daqueles assumidos por ele quando contempla a sua vida e a de outras pessoas. Nesse sentido, o lugar de onde o autor apreende a personagem é distinto e único; o mesmo acontece na vida, onde há, por exemplo, um excedente de visão entre *mim* e o *outro*. Na perspectiva bakhtiniana,

[...] quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão – o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (2003, p.21).

Na vida ou na arte, tanto o *eu* ou o autor quanto o *outro* ou a personagem ocupam lugares sociais distintos. Se considerarmos minha relação com o *outro*, veremos que meu excedente de visão, o que é acessível aos meus olhos e não aos olhos dele, é de responsabilidade da “singularidade e da insubstituíbilidade do meu lugar no mundo” (BAKHTIN, 2003). *Eu* ocupo o meu horizonte concreto, meu lugar na vida. Desse lugar, posso contemplar o *outro*, porque ele se encontra fora de mim. A esse *outro*, no entanto, também é reservado um lugar único, a partir do qual ele consegue me perceber em aspectos que eu não mesmo não consigo: seu olhar me vê por inteiro. O *outro* e *eu* somos incompletos, inacabados e, apenas na relação mútua, constituímos o todo, conforme aponta Bakhtin: “a percepção efetiva de um todo concreto pressupõe o lugar plenamente definido do contemplador, sua singularidade e possibilidade de encarnação; o mundo do conhecimento e cada um de seus elementos só podem ser supostos” (2003, p. 22).

Para o filósofo russo, no momento em que o eu se contempla, ele se liberta de sua autossensação interna. Isso acontece pela reação volitivo-emocional do *outro*, ou seja, a maneira como o *eu* se vê interiormente, reflexo de sua autossensação interior, está associada à maneira como se configura sua imagem externa pelo olhar do *outro*. Com esse par de óculos alheio, o *sujeito-contemplador* vivifica e incorpora a sua imagem externa ao mundo plástico-pictorial: o eu se vê também como o *outro* o vê. Nesse sentido, nós

não avaliamos nossa imagem externa para nós mesmos, “mas para os outros e através dos outros”.

Esse processo imagético do eu, a contemplação acabada de sua imagem externa, mantém íntimas relações com a produção do discurso na vida. Podemos coadunar esse fenômeno do vivenciamento exterior do eu com a orientação dialógica do discurso, princípio unificador da obra de Mikhail Bakhtin. Em sua abordagem, o pensador propõe uma relação mútua entre discursos, ou seja, o encontro do discurso do eu com o discurso de outrem, conforme se observa a seguir:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (1988, p.88).

A orientação dialógica do discurso está presente também na relação *eu-outro*, uma vez que a imagem que o sujeito tem si é vivenciada na categoria do *outro*, é construída dialogicamente. A essa construção denominamos: dialogismo plástico-pictorial da relação *eu-outro*.

A partir das relações imagéticas e discursivas propostas por Bakhtin (1988, 2003), analisamos duas cartas de leitor da primeira metade do século XIX em jornais pernambucanos. Levamos em consideração a relação entre o *eu* e o *outro*, o jogo de formação de imagens criadas entre eles e o processo de materialização dessa relação imagética e discursiva nos textos, isto é, como o eu das cartas se via e via o *outro*.

1.1 Relação *eu-outro*: as visões dos sujeitos na materialidade linguística das cartas

As cartas de leitor da primeira metade do século XIX constituíam um gênero¹ reservado à propagação de discursos, saberes e informações. Sua circulação em diários ou periódicos permitiu a seus usuários uma maior e mais efetiva participação na cultura letrada. Desde sugestões de leituras clássicas a tira-dúvidas, as cartas possibilitaram encontros, debates, discussões. Suas linhas traziam as mais expressas intenções discursivas a fim de manter estreitos contatos entre as diversas instâncias sociais.

Nos jornais, as cartas de leitor eram publicadas na seção Correspondencia. Com título em caixa alta, localizava-se normalmente no meio do jornal, entre as páginas três e quatro. Em alguns jornais, entretanto, essa seção aparecia sem título.

As cartas, por sua vez, eram escritas em resposta a um fato anterior, ou ainda, para a manifestação de opiniões sobre fatos de interesse do leitor. Entre outras intenções discursivas das cartas, destacam-se: sugestão de obras raras, solicitação de divulgação de impedimento de venda, críticas a periódicos, solicitação de restauração da verdade, solicitação de favores pessoais, solicitação de esclarecimentos, solicitação de publicação de

¹Adotamos o conceito de gênero do discurso proposto por Bakhtin como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (2003, p.262).

sonetos, solicitação de divulgação de dívidas, reclamações. Quanto à intenção discursiva dos textos, percebemos haver uma recorrência de solicitações.

As duas cartas analisadas foram publicadas respectivamente nos jornais *Diário de Pernambuco* (DP) e *O Diário Novo* (DN). Nos textos investigados, verificamos as relações dialógicas presentes no fio discursivo e os efeitos de sentido resultantes das imagens construídas pelos sujeitos no processo interativo.

Nossa análise está dividida em duas etapas: (i) categorização informacional do gênero e (ii) imagens dos sujeitos / efeitos de sentido entre interlocutores, sendo que, na última etapa, buscamos identificar como **A** (*sujeito-enunciador*) contempla a si próprio e contempla **B** (*participante-interlocutor direto*), para quem o discurso se endereça (BAKHTIN, 2003). Em seguida, identificamos o envolvimento de **C** (*participante-interlocutor indireto, o Edictor ou Redactor do jornal*) na materialidade discursiva. Buscamos, nesse sentido, o uso de expressões linguísticas que apontem a imagem construída por **A** para **B** e **C** no processo interlocutivo.

2 Análise das cartas

Carta 1²³

(i) Categorização informacional do gênero: **A** refere-se a Francisco da Rocha Vieira Cavalcante; **B**, ao assinante do *Diário de Pernambuco* (DP), de nome Observador; e **C** corresponde ao *Senhor*. Redactor. A atividade de linguagem consiste em desmentir calúnia proferida sobre os alagoanos, para satisfação de **A**; e a intenção discursiva refere-se a uma queixa/denúncia. O assunto específico, por sua vez, é uma carta enviada ao *Diário de Pernambuco* (DP) em resposta a um mal entendido publicado em carta anterior. Em seu texto, **A** denuncia **B** por falta de respeito aos alagoanos.

(ii) Imagens dos sujeitos / efeitos de sentido entre interlocutores: o sujeito- enunciador, Francisco da Rocha Vieira Cavalcante, declara-se natural de Alagoas e, por essa razão, sente-se na obrigação de defender seu Estado de declarações mentirosas. O uso do possessivo “minha Província” marca patriotismo, defesa da terra natal, assim como o verbo “contento-me” demonstra a satisfação de **A** com sua origem. Além disso, essas marcas evidenciam que os sujeitos ocupam horizontes concretos diferentes no ato de contemplação. O horizonte de **A** é marcado por sua origem e aponta o lugar social de onde ele fala. Além desse lugar permanente, **A** fala também de um lugar transitório, como divulgador da verdade, expresso em “assim como faço defendendo a verdade”.

Na verdade, o *sujeito-contemplador* imagina, idealiza sua autovisão antes mesmo de se olhar, como se usasse, a princípio, os olhos interiores e esse processo exercesse influência sobre seu exterior, pois o que ele vê sobre si de fora de si mesmo é reflexo de seu interior (BAKHTIN, 2003). Assim, esse *sujeito-enunciador* se vislumbra pela sensatez e, como desconhece as razões para as supostas mentiras do Observador, opta por defender sua

²Esta carta na íntegra se encontra no anexo 1 deste trabalho.

³As normas de edição aqui adotadas fazem parte dos critérios propostos pelo PHPB (Projeto para a História do Português Brasileiro).

terra:

Agora mesmo poderia mostrar a evidencia que aquela carta não tem huma só linha que exprima huma verdade (não digo bem) huma verossimilhança, ou indício de veracidade sobre tal acontecimento; porem não me convindo dar estocadas ao vento, nem disputar com a voz, ou êcho de hum Observador occulto, contento-me em defender a minha Provincia, desmentindo a sua carta intotum.

No fragmento mencionado, o uso da expressão “não digo bem” reforça a assertiva da sensatez de **A**, demonstra uma ressalva do *sujeito-enunciador* ao que foi dito. Parece-nos que ele tem ciência de que, dando “estocadas ao vento”, incorreria no mesmo “erro” do Observador, o uso de calúnias. A expressão entre parênteses é um indício de heterogeneidade discursiva, pois o que ainda não foi dito pode ser evocado a partir da figura metaenunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1994), que expressa a incapacidade ou fraqueza do enunciador. Nesse caso, **A** não se posiciona em relação à real atitude de **B**. Conforme aponta Authier-Revuz, essa marca de heterogeneidade pode ser ainda identificada pelas formas explícitas que inscrevem o *outro*. Dentre elas, está a “concordância dos dois interlocutores quanto à adequação da palavra, à coisa e à situação, especificamente, o parâmetro do retoque ou de retificação (X, ou melhor, Y; X, eu deveria ter dito Y) [...] ou com jogos sutis (X, eu ia dizer Y)” (2004, p.15). Essas expressões apontam o discurso “afetado” pela presença do *outro*.

A demonstra ainda seu estado de descontentamento quando se refere à carta enviada ao *DP* no último dia 3 de março de 1827. Sua indignação pode ser identificada pelo uso de algumas expressões indefinidas e indeterminadas, que caracterizam seu repúdio à atitude de **B**: “*Dizem* que ha *homens* para tudo, até para marinheiros, e eu digo, que até para mentirem descaradamente em huma folha publica, que he o mais a que pode chegar a impudencia *de qualquer individuo* [grifos nossos].”

Nesse fragmento, é possível observar o uso de indeterminação, que marca o discurso indireto (“*Dizem*”). Para Authier-Revuz “no discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um *outro* como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata” (2004, p.12). Ainda para marcar a indeterminação, **A** faz o uso do termo genérico “homens” e “de qualquer individuo”. Essas expressões explicitam o posicionamento de repúdio e de desdém de **A**, uma vez que o verbo no plural, o nome genérico e o pronome indefinido representam um pseudo-afastamento do que é dito, baseado em generalizações, mas, ao mesmo tempo, é, a partir dessas expressões, que **A** fundamenta e ratifica seu propósito discursivo: “*e eu digo*, que até para mentirem descaradamente em huma folha publica [grifos nossos].”

A partir de um “discurso universal e alheio”, de “que ha homens para tudo, até para marinheiros”, **A** constrói seu discurso, usando essa “verdade” como uma ponte, referência ou apoio à exposição de seu ponto de vista. **A** é influenciado pelo discurso do *outro*, o discurso universal, que representa a descrença e a desvalorização para com os marinheiros mencionados na carta e para com os que mentem. Isso se confirma pelo uso reiterado da preposição “até”, um *até inclusivo-seletivo* (MATIAS, 2007, p.6), com sentido de

desprestígio e de “desvalor” ao que está incluso. Assim, nesse fragmento, **A** vê **B** como um caluniador, um ser imprudente e, acima de tudo, mentiroso.

O posicionamento repulsivo de **A** em relação a **B** reforça-se ainda pela repetição da expressão “*he mentira*” e seus derivados, em: “[...] *he mentira, he mentira, he mentira* tudo quanto diz seu assignante Observador [...]” e “[...] credito dos Alagoenses enchovalhados agora com aquella mentirosa carta.”

Também se identifica esse procedimento no uso das palavras cognatas “verdade” e “veracidade”, nos seguintes trechos:

Agora mesmo poderia mostrar a evidencia que aquella carta não tem huma só linha que exprima huma verdade (não digo bem) huma verossimilhança, ou indício de veracidade sobre tal acontecimento.

[...] assim como faço defendendo a verdade [...].

Além disso, **A** identifica no pseudônimo de **B**, o Observador, a falta de coragem deste último para assumir a autoria da carta anteriormente por ele enviada (1). Contrariamente a isso, **A** se apresenta de pronto, retificando seu descrédito em relação a **B** (2), conforme se pode observar a seguir:

(1) [...] pois o contrario *lhe* poderei mostrar, se elle se quizer declarar pelo seu proprio nome [...].

(2) que rogo-*lhe* se digne publicar no seu Diario para confusão desse máo Observador, e satisfação do seu Affectuozo Venerador Francisco da Rocha Vieira Cavalcante.

Nesse sentido, as contemplações que **A** faz de **B** são resultado do excedente de visão do primeiro sobre o último (BAKHTIN, 2003).

O contato mantido entre **A** e **C**, por sua vez, acontece de modo muito sutil. Esse *sujeito-enunciador* faz uso de vocativos e pronomes para referir-se a seu *participante-interlocutor indireto*:

(3) Snr. Redactor.

(4) Affirma certo assignante do *seu* Diario[...].

(5) [...] pois o contrario *lhe* poderei mostrar [...].

(6) [...] que rogo-*lhe* se digne publicar no *seu* Diario para confusão desse máo Observador, e satisfação do *seu* [...] [grifos nossos].

Além de reconhecer seu interlocutor indireto, **A** demonstra respeito e veneração por **C**. Quando afirma que é seu “Affectuozo Venerador”, faz de **C** uma pessoa digna de valor. O olhar de **A** para **C** se reflete na materialidade linguística do texto, uma vez que seu discurso é direcionado um outro, que não **B**, com quem **A** tem sérias divergências. Isso se mostra na comparação entre a relação **A-B** e a relação **A-C**, respectivamente.

Nessa carta, além das representações de imagem de **A** para **B** e para **C** e de seus efeitos de sentido, é possível identificar posturas e comportamentos sociais da época. A temática voltada ao “bigodes”, presente na carta de **A** e na de **B**, parece significativa para a sociedade da época, como símbolo de virilidade masculina: “[...] que na Província das Alagoas se mandaraõ rapar a navalha os bigodes de certos officiaes na vespera do seu embarque em 1823, quando os fiseraõ embarcar para o Rio de Janeiro.” Nesse sentido, **B** teria proferido uma calúnia, em desrespeito ao homens viris da província das Alagoas, com quem **A** se identifica.

Carta 2⁴

(i) Categorização informacional do gênero: **A** diz respeito ao Assignante; **B**, por sua vez, refere-se ao povo, aos eleitores, aos candidatos descendentes de outras províncias; e **C**, aos *Senhores*. Edictores. A atividade de linguagem consiste em alertar os cidadãos para as próximas eleições a deputados, já que estão aparecendo em Pernambuco muitos candidatos de outras províncias, cobiçando uma vaga na Câmara. Além disso, essa atividade visa a cientificar tais candidatos da existência de eleitores conscientes em Pernambuco. A intenção discursiva refere-se a queixa, denúncia, conscientização; e o assunto específico é uma carta enviada ao *O Diário Novo* (DN) por certo Assignante, que se sente no dever de orientar os eleitores. Seu alerta se justifica na medida em seis ou sete candidatos a deputados são de outras províncias e pretendem ocupar o cargo em Pernambuco. Sua indignação também é motivada pela crença de que existem cidadãos pernambucanos capazes de assumir cargos dessa natureza.

(ii) Imagens dos sujeitos / efeitos de sentido entre interlocutores: o *sujeito-enunciador*, inicialmente, vê-se como um atrevido, pois se propõe a abordar um assunto que parece ser muito importante para a época, as eleições. Nessa correspondência, o adágio popular “não meta o bedelho, onde não foi chamado” não tem vez, já que a carta foi publicada. Em relação a isso, **A** escreve: “*Senhores*. Edictores – Como quer que seja hoje a ordem do dia o artigo = eleições = não posso deixar de metter tambem n’ellas bedelho.”

No excerto mencionado, o uso do termo “tambem” expressa inclusão, o que permite estabelecer relação dialógica entre o discurso de **A** e de um *outro* (BAKHTIN, 1988). O fato de **A** “também” opinar pressupõe que um *outro* já o tenha feito.

A se mostra um sujeito patriota e, acima de tudo, um cidadão consciente; é defensor intransigente da terra natal e de seu povo, como se pode observar no uso do possessivo: “[...] lastimando, que, para a eleição dos novos deputados, appareção tambem em *nossa* provincia inculcando-se como idôneos[...] [grifo nosso].” Sob seu ponto de vista, a política deve ser tratada com seriedade e comprometimento e seu posicionamento está marcado linguisticamente por caracterizadores: “[...] aquelles deveres santos, que são inherentes á um *verdadeiro* deputado, amante da sua provincia natal [...] [grifos nossos].”

Se a palavra “santos” aponta o caráter valoroso da política, o termo “verdadeiro deputado” demonstra a capacidade do cidadão pernambucano para representar seus compatriotas, com quem **A** compartilha seu amor pela província. O uso do caracterizador

⁴A carta na íntegra se encontra no anexo 2 deste trabalho.

“bella” registra sua admiração pela terra natal, em: “Semelhante escolha d’esses Snrs. Importaria nada menos, que um grande desfalque no numero dos propugnadores da nossa bella provincia”.

Em oposição à candidatura de “estrangeiros” em Pernambuco, o *sujeito-enunciador* também constrói seu discurso pelo discurso direto introduzido por verbo *dicendi*: “Pergunto eu: não terá Pernambuco, uma das provincias de primeira ordem, já taõ adiantado em sua ilinstração, em seu seio treze Filhos capazes de o representarem?! [grifo nosso]”.

Em relação ao posicionamento político ufanista ou xenófobo, o discurso de **A** é atravessado pelo discurso alheio e, a partir deste entrecruzamento, surgem discursos polifônicos, heterogêneos, revestidos por vozes do *outro*. Sobre isso, Bakhtin declara que

[...] qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão (2003, p.294).

Nessa carta, há uma peculiaridade: em sua produção discursiva, o *sujeito-enunciador* se depara na com dois *participantes-interlocutores diretos*, com os quais ele dialoga e para os quais direciona seu discurso. Esses interlocutores são **B1**, em referência aos candidatos estrangeiros, e **B2**, em referência aos eleitores. Na relação com esses interlocutores, discurso de **A** de fato se constitui em sua plenitude. Nesse sentido, a imagem de **B** para **A** torna-se dupla. De acordo com a ordem de ocorrência na carta, **A** vê **B1** como homens descomprometidos, descompromissados, já que se eleitos, não defenderiam a província pernambucana:

[...] esses Snrs. Candidatos, de quem fallo, em numero de 6, ou 7, e a sahirem elles eleitos deputados, não seria isto até mesmo um desar para a nossa provincia? Taes individuos, logo que chegassem á côrte, deixarião de pactuar com os seus patricios em beneficio exclusivo, por ex., estes da Bahia, sua mãi patria, e aquelles do Ceará.

Assim como o uso do demonstrativo “esses” reflete a descrença em relação aos candidatos estrangeiros, o uso da interrogativa reforça o tom persuasivo do discurso de **A**, que busca alcançar ao mesmo tempo **B1** e **B2**. Como estratégia de persuasão, os candidatos estrangeiros são apresentados como pessoas desprovidas de afeto por Pernambuco, uma vez que a província não é sua natal: “[...] a que os não prende o amor filial”.

O direcionamento de **A** para **B2** também vem marcado no texto. O uso do vocativo e do imperativo negativo aponta essa interação: “Por tanto: alerta *Snrs. Eleitores!*... não vos deixeis levar por algumas considerações, e contemplações, sempre nocivas ao bem estar de uma paiz, quando se tracta de objectos de tanta magnitude!” [grifos nossos].

Em algumas situações, **A** faz uso excessivo de interrogações na construção de seu projeto discursivo. Isso demonstra seu interesse pelo tema. Além disso, o *sujeito-enunciador* se mostra responsável pela circulação de informações ao mesmo tempo em que enfatiza sua finalidade comunicativa. Vejamos os excertos marcados pelas interrogações:

(1) Pergunto eu: não terá Pernambuco, uma das provincias de primeira ordem, já taõ adiantado em sua ilinstração, em seu seio treze Filhos capazes de o representarem?!

(2) [...] e a sahirem elles eleitos deputados, não seria isto até mesmo um desar para a nossa provincia?”

(3) “[...] estes da Bahia, sua mãï patria, e aquelles do Ceará, a que pertencem, para se interessarem por Pernambuco, que os não vio nascer?”

O jogo de perguntas é uma estratégia discursiva de **A** não apenas para atingir e convencer **C**, mas especialmente para questionar os eleitores (**B2**), buscando, assim, a adesão a seu discurso.

A busca de adesão em relação a **C**, acontece ainda por outro recurso. **A** faz o uso de linguagem “formal” para que sua carta seja publicada. Somado a isso, o *Assignante* elogia insistentemente o *Edictor* e o jornal, adequando seu discurso, ao que parece, segundo seus interesses. O uso do caracterizador “apreciavel” e o gerúndio “rogando-lhe”, marcam a submissão do *Assignante* para com o *Redactor* ou *Edictor*, conforme se observa em: “rogando-lhes entretanto a inserção d’estas toscas linhas em o seu muito apreciavel Diario Novo, de cujo obizequeio muito agradecido lhe ficar um seu *Assignante*” . Nesse sentido, o tom linguageiro de **A** é mais moderado quando este *assignante* se refere a **C**.

Conclusão

As cartas de leitor da primeira metade do século XIX atendiam à necessidade de seus usuários que, inseridos em atividades linguageiras diversas, realizavam seus propósitos comunicativos. Discursivamente, verificamos nas cartas analisadas a presença de dois interlocutores: o *participante-interlocutor direto*, sujeito para quem se endereçava diretamente o discurso, e o *participante-interlocutor indireto*, o *Edictor* ou *Redactor* do jornal, para quem também o discurso de dirigia, mesmo que de forma mais moderada. Dessa maneira, nas relações dialógicas entre *sujeito-enunciador* (A), o *participante-interlocutordireto* (B) e o *participante-interlocutor indireto* (C), identificamos que o tratamento dado a **C** não se alterou, entretanto o tratamento na ordem **A-B** variou conforme o lugar social ocupado por estes sujeitos do discurso. Ainda quanto à dialogicidade entre o *sujeito-enunciador* e os *outros*, verificamos que a constituição da imagem externa, as contemplações dos sujeitos na relação *eu-outro*, são também dialógicas, o que denominamos *dialogismo plástico-pictorial da relação eu-outro*. Na produção discursiva das cartas de leitor, constatamos que as contemplações imagéticas se materializaram no discurso. Buscar no discurso escrito influências alheias é recorrer também ao princípio dialógico, uma vez que neste discurso se atualiza o excedente de visão do *sujeito-enunciador* sobre o *outro* e sobre *si*.

ANEXO 1⁵

Estado/Cidade: PE/Recife

Tipo de texto: Carta de leitor

Título do jornal: Diario de Pernambuco

Data/Edição: Recife, 10 de março de 1827 / Seção: Correspondencia

Fonte/Cota: Arquivo de microfilmes da Fundação Joaquim Nabuco – PE

Senhor. Redactor. || Dizem que ha homens para tudo, até | para marinheiros, e eu digo, que até | para mentirem descaradamente em hu- | ma folha publica, que he o mais a que | pode chegar a impudencia de qualquer | individuo. Affirma certo assignante | do seu Diario, em 3 do corrente mez, | debaixo do nome de Observador, que | na Provincia das Alagoas se mandarão | rapar a navalha os bigodes de certos | officiaes na vespera do seu embarque | em 1823, quando os fiseraõ embarcar | para o Rio de Janeiro: he mentira, he | mentira, he mentira tudo quanto diz o | seu assignante Observador; pois o con- | trario lhe poderei mostrar, se elle se | quizer declarar pelo seu proprio nome, | assim como parece querer contraba- | lançar o caso de Goianna sobre as Ca- | beças rapadas com esse ideal, ou ficti- | cio acontecimento de Alagoas sobre | bigodes. Agora mesmo poderia mos- | trar a evidencia que aquella carta não | tem huma só linha que exprima huma | verdade (não digo bem) huma vero- | ssimilhança, ou indicio de veracidade | sobre tal acontecimento; porem não | me convindo dar estocadas ao vento, | nem disputar com a voz, ou êcho de | hum Observador occulto, contento-me | em defender a minha Provincia, dê- | mentindo a sua carta intotum, deixan- | do as provas da contrariedade, para | quando elle se appresentar replicando | em publico, assim como faço defenden- | do a verdade, ou credito dos Alagoen- | ses enchovalhados agora com aquella | mentirosa carta. E ja de agora pro- | testo que se o *Senhor*. Observador não me | contestar, ficarei dispensado de diser | mais coisa alguma, para não importu- | nallo, ficando a verdade como provada | com esta solemnissima negativa, que rogo-lhe se digne publicar no seu Dia- | rio para confusão desse máo Observador, e satisfação do seu || Affectuozo Venerador || Francisco da Rocha Vieira Cavalcante

⁵A grafia oitocentista e o sistema de pontuação foram mantidos. As normas utilizadas estão consoantes àquelas já assumidas pela equipe nacional do PHPB. Apesar de não ter sido mantido o layout dos jornais, foram conservadas as notações que apareciam no texto original. As normas de transcrição estão especificadas no anexo 3.

ANEXO 2

Estado/Cidade: PE/Recife

Tipo de texto: Carta de leitor

Título do jornal: O Diario Novo

Data/Edição: Recife, 06 de agosto de 1842 / Seção: Correspondencia Fonte/Cota: Arquivo de microfilmes da Fundação Joaquim Nabuco – PE

Senhores. Edictores – Como quer que seja hoje a ordem | do dia o artigo = eleições = não posso deixar de metter | tambem n’ellas bedelho. || Principio, *Senhores*. Edictores, lastimando, que, para | a eleição dos novos deputados, appareção tambem em | nossa provincia inculcando-se como idôneos, e muito aza- | dos, tantos indivíduos de outras, que, com quanto mui | aptos os suponha para representarem as suas, e pugna- | rem pelos seus interesses moraes e materiaes, não me aparecem com tudo os mais proprios para desempenharem ca- | balmente, á respeito da nossa, aquelles deveres santos, | que são inherentes á um verdadeiro deputado, amante da | sua provincia natal. || Pergunto eu: não terá Pernambuco, uma das pro- | vincias de primeira ordem, já tão adiantado em sua ilins- | tração, em seu seio treze Filhos capazes de o representa- | rem?! Certamente que os tem: logo sendo, como di- | zem ser, esses *Senhores*. Candidatos, de quem fallo, em nu- | mero de 6, ou 7, e a sahirem elles eleitos deputados, não | seria isto até mesmo um desar para a nossa provincia? | Taes individuos, logo que chegassem á côrte, deixarião | de pactuar com os seus patricios em beneficio exclusivo, por | exemplo, estes da Bahia, sua mã patria, e aquelles do Ceará, | a que pertencem, para se interessarem por Pernambuco, | que os não vio nascer? Eis o que a experiencia do pas- | sado me induz a não acreditar. || Que em uma provincia pequena, e falta de capacida- | des proprias, se lance mão d’aquellas que ahi houverem | para prehencher o numero de seus mandatarios, isto he | muito consentâneo com a natureza das cousas, porque | n’esse caso torna-se de absoluta necessidade tal recurso: | porem nós certamente não necessitamos d’elle. || Por tanto: alerta *Senhores*. Eleitores!... não vos dei- | xeis levar por algumas considerações, e contemplações, | sempre nocivas ao bem estar de uma paiz, quando se tra- | cta de objectos de tanta magnitude! Semelhante esco- | lha d’esses *Senhores*. Importaria nada menos, que um grande | desfalque no numero dos propugnadores da nossa bella | provincia. Torno a repetir, que mui aptos e dignos d’es- | sa alta missão julgo serem esses Snrs., a quem tenho ouvi- | do nomear; nem o contrario se poderia com effeito dizer | com justiça; mas, em uma provincia, a que os não pren- | de o amor filial, a preferencia dos seus filhos me parece, | que seria sempre justa, e nem esses *Senhores*. d’ella se de- | verião resentir: alem de que, o desvio de alguns, pela | deputação, dos emportantes cargos que occupão, durante | o tempo das Sessões legislativas, acarretaria por certo des- | arranjo, e mesmo notave prejuizo aos negocios de muitos | cidadãos; por isso que as substituições interinas de certos | empregados, ou de quase todos são de ordinario prejudi- | ciaes as partes interessadas: até me não parece conforme | com o espirito da Const., que empregado perpetuo, | um juiz de direito, por ex. um desembargador, &c. se- | ja destrahido do seu lugar, para exercer periodicamente | outras quaes quer funções. || Talvez, *Senhores*. Edictores, que os meus raciocinios não | sejaõ exactos, mas emquanto não for convencido do | contrario, persisterei n’elles; rogando-lhes entretanto a | inserção d’estas toscas linhas em o seu muito apreciavel | Diario Novo, de cujo obizequeio muito agradecido lhe fi- | car[e]i um seu || Assignante.

ANEXO 3⁶

| | |
|---|---|
| Grafemas <i>[em itálico]</i> | Indica que os grafemas em itálico entre colchetes foram deduzidos. Ex. : (...) pois [<i>v</i>]á aprendendo, que muito tem que aprender; (...) anuncia-se logo um des[<i>a</i>][<i>t</i>]re casual |
| [...] | Indica a ausência de uma letra/sílaba, palavra ou trecho. Ex.: a [<i>c</i>]eita-se pedidos; para poder continua [.] vender, para o verão e arti[.] s de modas. (...)victoriosamente justifica-lo [...] actos que analysados |
| [[]] | Indica que a letra/sílaba/palavra estão repetidas. Ex.: que não re [[re]]cusem a ajunctar lhes essas correspondencias |
| [ilegível], [furo], [corroído], [espaço] | Indica essas situações no original da transcrição. Ex.: (...) acha no porto da [corroído] de Santos |
| | Indica mudança de linha. |
| | Indica mudança de parágrafo. |
| Grafemas <i>em itálico</i> | Indica desenvolvimento de abreviaturas. Ex.: <i>Senhor, réis, número, Excelentíssimo.</i> |
| (sic) | Indica que a forma escrita imediatamente anterior encontra-se com erro no original |

⁶(cf. Barbosa; Lopes, 2004).

MATIAS, Thiago Trindade. A orientação para o *outro*: relações imagéticas e discursivas em cartas de leitor pernambucanas do século XIX. *BAKHTINIANA*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 95-107, 2º sem. 2010

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1988.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC/ANNABLUME, 2002.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, A.; LOPES, C. *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores*. São Paulo: Humanitas, 2004.

Carta de leitor. *O Diário Novo*. Correspondência, Recife, “não paginado”, 6 ago. 1842. Disponível no arquivo de microfilmes da Fundação Joaquim Nabuco – PE.

CAVALCANTE, F. R. V. Carta de leitor. *Diário de Pernambuco*. Correspondência, Recife, “não paginado”, 10 mar. 1827. Disponível no Arquivo de microfilmes da Fundação Joaquim Nabuco – PE.

MATIAS, Thiago Trindade. *Item linguístico ATÉ no falar paraibano: questões funcionalistas*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007.

ORLANDI, E. P. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Recebido em 16/05/2010

Aprovado em 19/08/2010